VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

A importã,ncia da ressignificao para o processo de aprendizagem.

Ferreira Barros Klumpp, Carolina.

Cita:

Ferreira Barros Klumpp, Carolina (2015). *A importã,ncia da ressignificao para o processo de aprendizagem. VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-015/441

ARK: https://n2t.net/ark:/13683/epma/PNO

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org.*

A IMPORTÂNCIA DA RESSIGNIFICAÇÃO PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Ferreira Barros Klumpp, Carolina
Centro Universitário FIEO- UNIFIEO. Brasil

RESUMEN
O presente trabalho teve como objetivo principal relacionar a importância da ressignificação para o processo de aprendizagem do sujeito e para a relação ensinante-aprendente. Para a ilustração desse trabalho foi apresentado o percurso de intervenção psicopedagógica de uma mãe cuja filha apresentava problemas de aprendizagem e aguardava o atendimento na clínica-escola do Centro Universitário FIEO- UNIFIEO. Os dados foram coletados durante quinze sessões de intervenção e foram analisados pela técnica de análise de conteúdo. Os mesmos foram agrupados nas seguintes categorias temáticas definidas a priori: família e infância. Os resultados sugeriram que as mudanças ocorridas no comportamento da mãe durante o percurso de intervenção poderiam contribuir para a melhora do processo de aprendizagem da filha, uma vez que o trabalho interventivo possibilitou a ressignificação dos processos de aprendizagem e das relações entre ensinante-aprendente.

Palabras clave
Ressignificação, Aprendizagem, Ensinante-aprendente, Família

ABSTRACT
THE IMPORTANCE OF REFRAMING FOR THE LEARNING PROCESS
This study aimed to relate the importance of reframing to the learning process of the subject and the teaching-learning relationship. For the illustration of this work was presented the psychopedagogical intervention path of a mother whose daughter had learning problems and waiting for the service in the school clinic FIEO- UNIFIEO University Center. Data were collected for fifteen intervention sessions and were analyzed using content analysis. We were grouped in the following thematic categories defined a priori: family and children. The results suggested that the changes in the mother's behavior during the intervention route could contribute to the improvement of the child's learning process, since the intervening work enabled the redefinition of learning processes and the relationships between teaching-learning.

Key words
Reframing, Learning, Teaching-learning, Family

INTRODUÇÃO
A capacidade de aprender tem início, na vida da criança, não na escola, mas no interior da estrutura parental como um dos aspectos condicionantes da infância (Schlemenson, 2005). O bom desempenho do ser humano, em todos os aspectos de sua vida, incluindo o escolar, está profundamente ligado ao afeto recebido nos seus primeiros anos de vida. É com a família que o bebê estabelece suas primeiras relações e adquire seus primeiros conhecimentos; é a partir da família que este ser vai dar continuidade às suas relações com o saber; é neste ambiente que a criança será incentivada ou desmotivada a aprender. As experiências vivenciadas no lar, as interações estabelecidas entre os membros da família, os padrões relacionais encontrados abrirão ou fecharão o caminho para que a criança sinta o desejo de buscar condições para se tornar autor de seu conhecimento (Rodrigues & Barbosa, 2003).
De um modo geral, a família pode ser considerada uma instituição com um espaço pelo qual os filhos atingem expectativas de papel, de valores e de atitudes sociais e educacionais, por meio das relações interpessoais com os pais. Dentro da família se estabelece uma rede de comportamentos e isso permite tanto aos filhos quanto aos pais, formarem relações positivas ou negativas com a escola (Chechia, 2009).
O processo de aprendizagem, neste contexto, deve ser visto como algo construído no interior da família, já que as primeiras relações existentes entre mãe/pai-criança servirão de molde para futuras criações de vínculos entre quem ensina e quem aprende.
Fernández (2008) explica que determinadas modalidades patogênicas na aprendizagem correspondem-se afirmativamente com modalidades patogênicas de ensino nos pais. Por vezes os pais não se dão conta da importância que exercem no aprendizado de seus filhos e que, de certa forma, as suas condutas servirão de modelo para os futuros estabelecimentos de vínculos afetivos do sujeito, sejam eles com o objeto de conhecimento ou com o ensinante.
Desse modo pode-se compreender que os pais desempenham uma função importantíssima no aprendizado dos filhos, uma vez que eles servirão como modelo para as relações futuras que os filhos estabelecerão com o objeto de conhecimento e também porque serão a base na forma como os filhos significarão as relações entre ensinante-aprendente.
Nesse sentido, pais que possuem como modalidade de ensino modelos embasados em modalidades de aprendizagem consideradas patológicas não favorecem o aprendizado dos filhos, uma vez que esses modelos estão muitas vezes estagnados e enrijecidos em padrões que não beneficiam o contato do sujeito com o objeto de conhecimento ou ainda que não asseguram uma relação saudável entre quem ensina e quem aprende.
Os pais necessitam muitas vezes rever o aprendizado dos filhos, por meio da compreensão de como ele ocorre e o porquê das muitas dificuldades instauradas nesse processo. Essa compreensão só pode acontecer se os pais reconsiderarem primeiramente os seus processos internos vinculados aos processos de aprendizagem,

para que possam perceber os padrões de condutas patológicas que estão sendo transmitidos para os filhos, mesmo que de modo não intencional ou inconsciente. É por meio da consciência da necessidade de se modificar determinados padrões de comportamento que os pais podem ajudar os filhos com dificuldades de aprendizagem, pois, uma vez que eles abrem espaço para a ressignificação dos seus próprios processos de ensinar e aprender, abrem espaço paralelamente para a modificação dessas relações com os filhos, favorecendo assim o processo de aprendizagem de todos.

A ressignificação é definida como sendo a atribuição de um novo significado/um novo sentido a alguma coisa. Pode-se pensar, portanto, que quando uma criança possui dificuldades de aprendizagem, o próprio processo de aprender precisa ser ressignificado. A criança necessita passar por novas experiências no que se refere ao contato com o objeto de conhecimento e com a figura do ensinante para que consiga trazer um novo olhar para essas relações e perceber em níveis tanto conscientes quanto inconscientes que determinadas situações podem ser diferentes; e que há outras possibilidades que não eram visíveis antes, mas que agora se fazem possíveis. Do mesmo modo os pais, enquanto ensinantes e modelos na relação de aprendizado com os filhos, necessitam ressignificar seus próprios processos de ensinar e aprender para que possam ajudar seus filhos.

O psicopedagogo necessita, portanto, abrir espaço em seus atendimentos para que o sujeito possa produzir novos sentidos e significados em seus processos de ensino-aprendizagem. Fernández (2001) explica que esse processo ocorre quando há um resgate da história de vida do sujeito.

A autora (Fernández, 2008) explica que aprender supõe um reconhecimento da passagem do tempo, do processo construtivo. Aprender supõe um sujeito que se historia, e, para a autora, historiar-se é quase que sinônimo de aprender. Fernández (2008) explica também que aprender é um modo de ressituar-se diante do passado e, na recuperação desse passado, produzir algo novo. Para ela o aprender conecta-se com a necessidade de perder algo velho, mas que a sua energia relaciona-se à postura de utilizar o velho para criar o novo. Com isso, cabe ao psicopedagogo trabalhar o resgate do passado do sujeito e proporcionar a ressignificação necessária para a modificação de condutas que venham beneficiar o processo de aprendizagem e as relações de ensino-aprendizagem do sujeito.

MÉTODO

O presente estudo caracterizou-se por ser de risco mínimo à participante e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição promotora (CNS n. 196/96) tendo seguido os preceitos éticos que regem a realização de pesquisas com seres humanos (Ministério da Saúde, Conselho Federal de Psicologia). Foi obtido o Termo de Concordância da Clínica de Psicopedagogia do UNIFIEO, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado pela mãe que participou do estudo. O nome da mãe e da filha foram preservados.

Participantes: Participou desse trabalho uma mãe cuja filha atendia aos seguintes critérios: ter idade entre 8 e 11 anos de idade; frequentar o Ensino Fundamental; não apresentar diagnóstico de síndromes que poderiam afetar a aprendizagem; apresentar problemas de aprendizagem; estar inscrita (na fila de espera) para atendimento na clínica-escola de Psicopedagogia do UNIFIEO.

Instrumentos: Questionário para a coleta dos dados sociodemográficos; entrevista semi-estruturada com a mãe; 15 sessões de intervenção com a mãe participante.

Procedimentos: A coleta de dados nas sessões de intervenção constou de técnicas lúdicas, de atividades artísticas e da condução das dinâmicas espontâneas, com o propósito da mãe participante entrar em contato consigo mesma, externalizando seus sentimentos e emoções sem constrangimento. Respeitaram-se os mecanismos de livre expressão, assegurando a autonomia criativa da participante.

Análise de dados: Para analisar o material pertinente a esta pesquisa, foram descritos e relacionados dados demográficos e categorias temáticas abordadas nas entrevistas e nas sessões de intervenção, além de aspectos referentes à linguagem gráfica e às imagens que emergissem ao longo do processo de intervenção, analisados segundo oreferencial psicodinâmico.

O Contexto da mãe: Luana é mãe de Patrícia. Patrícia tinha dez anos por ocasião da pesquisa e encontrava-se no 6º ano do Ensino Fundamental da escola da Rede Municipal Pública de Osasco, cidade de São Paulo, onde moravam. Patrícia apresentava dificuldades para assimilar o conteúdo, segundo o relato da mãe, sendo que já havia reclamações sobre o baixo rendimento da aluna pelos professores que a acompanhavam, desde a pré-escola. Patrícia nunca apresentou problemas comportamentais, sempre foi uma aluna obediente, carinhosa e educada, segundo relato dos professores. Luana explicou que a filha apresentava oscilação em seu aprendizado, demonstrando em alguns momentos que sabia a lição e em outros momentos que não se recordava de nada. A mãe ainda explicou que a filha não gostava de estudar e que ela desistia com facilidade de tudo que iniciava, como cursos e natação. Por estes motivos, Patrícia foi encaminhada, pela escola, à Clínica de Psicopedagogia da UNIFIEO, onde aguardava atendimento. A mãe acreditava que Patrícia era daquela forma por ser protegida e mimada demais. Para a mãe, Patrícia precisava amadurecer para aprender. Patrícia tinha uma irmã mais nova. A mãe relatou que a filha não foi planejada, mas que sempre foi cercada de amor e muito carinho. Quando Luana foi questionada sobre o pai, afirmou que o pai sempre foi um "paizão", que sempre esteve presente na vida das filhas e que sempre fez tudo por elas. Luana dizia estar participando da intervenção para conhecer mais sobre as dificuldades da filha para poder ajudá-la.

CATEGORIAS TEMÁTICAS

Família: Esta categoria temática levou em consideração os conteúdos trazidos pela participante nos Testes Projetivos realizados (Teste da Família e Teste da Família Cinética) e nos relatos de experiência (recordações, lembranças). Esta categoria procurou abordar a mãe em relação à sua família de origem. O Desenho da Família é uma técnica projetiva gráfica onde o sujeito projeta suas atitudes e sentimentos em relação a sua família. Desde o início da sua utilização tem sido considerado um bom instrumento para a análise dos conflitos familiares em crianças, adolescentes e adultos. Já em relação ao Teste da Família Cinética, buscou-se, nesta oportunidade, compreender como essa mãe representava os vínculos estabelecidos na família de origem para "analisar as posições subjetivas entre ensinante/aprendente, a partir da identificação dos tipos de vínculos reeditados e que demandam modalidades de aprendizagem específicas" (Andrade, 2006, p. s/n).

As produções de Luana sobre família sugeriram que havia uma separação entre os membros da família (mãe e filha apareceram brincando de patins, a mãe segurando a filha pelo braço; pai e irmã apareceram jogando bola). Luana afirmou na anamnese realizada que precisava ficar o tempo todo "no pé" da filha, para que a mesma realizasse o que lhe era solicitado, afirmou também que havia excesso de proteção dela e do pai para com Patrícia, não conseguindo

estabelecer limites e serem mais rígidos com a educação da filha.
Fala da mãe: Ela é muito desligada. Quando você fala para arrumar o quarto, ela enrola, enrola, e quando vai ver não fez nada. Então tem que tá muito de perto. Ela esquece, tem que estar no pé dela. Mas a gente como família acaba pecando, porque protegemos demais.
Nesse caso foi considerada a hipótese da filha se manter nesse comportamento imaturo e possivelmente estar apresentando suas dificuldades de aprendizagem com o objetivo de manter os pais próximos. Paín (2007) explica que há casos nos quais a única maneira da criança contar com o carinho dos pais é precisamente o não-aprender.
Porém, é importante ressaltar ainda que Luana, ao relatar mais sobre a sua história de vida, e ao trazer lembranças de sua família de origem, explicou que a sua mãe estava sempre muito ocupada e que sempre teve que trabalhar muito. O pouco tempo que tinha com a mãe foi significado por Luana como tempo de rigidez e de brigas.
Fala da mãe: Minha mãe sempre brigou muito com a gente. Ela era muito rígida, não tinha assim um contato e brigava muito com a gente. [...] ela sempre trabalhou muito, muito, até hoje ela passa o dia todo fazendo alguma coisa. Ela acorda às cinco da manhã, vai fazer sabão, lavar a nossa roupa. Ela não consegue sentar no sofá para assistir televisão. E na infância assim, a gente queria sair, passear, a gente via os amigos fazendo isso com a família, mas nunca teve isso, porque minha mãe sempre tava o tempo inteiro ocupada.
Luana explicou que queria ser diferente com as suas filhas e marido.
Fala da mãe: Hoje eu procuro fazer diferente com as minhas filhas. Neste final de semana rolou um estresse, porque eu passei o dia lavando, cozinhando, passando e falei "chega". Eu falei pro meu marido que eu queria não fazer nada no final de semana pra ter um tempo com eles, e a gente tem que se vigiar pra não cometer os mesmos erros, e era uma coisa que pra mim me fez muita falta, poxa, da gente poder sair com a família. Se a gente não tem grana, agente vai pro "Vila Lobos" pra fazer um pique-nique. Eu procuro fazer com as minhas filhas o que eu não tive.
Talvez, como tentativa de não repetir as brigas, a rigidez e a falta da mãe, Luana poderia estar compensando o que sofreu na infância, na sua relação com Patrícia. Ao cercar a filha com excesso de cuidados e proteção, Luana prejudica o amadurecimento emocional da filha, favorecendo, também, a manutenção das dificuldades de aprendizagem.
Paín (2007) explica que o excesso de proteção não inibe o aprendizado da criança, pois à medida que a criança se defende contra ela reivindica seu direito à independência. Porém, quando excesso de proteção está dirigido ao "tudo ou nada", pode ser prejudicial para o amadurecimento da criança, pois ela pode entender que a sua independência signifique perder a proteção dos pais e ficar sem nada. Paín (2007) dá como exemplo uma criança que diz para a sua mãe que não quer comer purê, e a mãe responde dizendo que nunca mais lhe dará purê, como se o fato da criança não ter apetite a impedisse de senti-lo futuramente. A criança pode, a partir dessa verbalização e irracionalidade, passar a aceitar tudo e não aprender nada (Paín, 2007).
Infância: Esta categoria procurou abordar a percepção dessa mãe em relação à sua infância, proporcionando assim o resgate à sua história de vida e às suas primeiras experiências de aprendizado. Para essa categoria foram utilizadas atividades de intervenção envolvendo Contos de Fadas (história "Branca de Neve e os Sete Anões"), pintura a dedo, músicas de relaxamento, desenhos livres e argila.
A infância de Luana foi marcada por brigas entre a sua mãe e o padrasto. Luana chegou a comentar, lembrando-se de fatos da infância na sessão em que estava realizando atividade com os Contos de Fadas, que o seu maior desejo de infância era a separação entre sua mãe e padrasto.
Fala da mãe: Sinceramente, eu passei a minha infância inteira pedindo a Deus pra dar coragem pra minha mãe separar do meu pai e ter uma vida diferente, porque eu não aguentava mais aquilo, eles brigavam muito.
Luana explicava que essas brigas geravam nela e nos irmãos, todos na época crianças, o sentimento de medo. Não havia autorização no meio familiar para que falassem ou questionassem o ocorrido.
Fala da mãe: Aí depois das brigas vinha aquele gelo. Um dava gelo no outro, aí ficava aquele "climão" em casa, todo mundo tinha medo de abrir a boca. Ninguém falava nada porque qualquer coisa que se dizia era motivo pra puxar tudo.
Fernández (2008), ao tratar da importância do saber para a aprendizagem, coloca que a criança tem uma pulsão de investigação que a leva a perguntar, primeiramente ao outro e, conforme vai crescendo, passa a questionar principalmente a si mesma. Fernández (2008) ressalta que o saber pergunta, mas se os ensinantes (pais, professores) não respondem, ou pior, se escondem as respostas ou a possibilidade de responder, o sujeito não se encontrará e não encontrará sua expressão nas suas escolhas e nos usos dos objetos que a ele se ofereceram como disponíveis no meio.
Ao não permitir que o sujeito questione, o ambiente e os ensinantes estarão favorecendo a inibição de seu pensamento e daquilo que Freud chamou de "inteligência desperta" (Fernández, 2008). Freud dizia que para analisar-se é preciso contar com uma "inteligência desperta". No entanto, quando a inteligência está aprisionada ou inibida, não somente o confronto com o possível horror que tal saber pode implicar é um obstáculo, como também a própria inteligência coloca-se como obstáculo. Assim, na inibição, o sujeito evitará tomar contato com qualquer pensamento, à medida que isso o coloque no perigo de aproximar-se da angústia (Fernández, 2008).
Luana afirmava que não queria se lembrar das situações ocorridas em sua infância para não se deparar, novamente, com a dor e sofrimento causados nessa época. *Fala da mãe: " […] Eu sinceramente nunca fui assim, de comentar coisas, porque a gente procura não comentar pra não reviver."*
Na atividade de pintura a dedo, Luana trouxe como lembrança de sua infância a sua tia, que já era falecida na ocasião da pesquisa. Luana lembrou-se desta tia como a figura que para ela representava o acolhimento, a simpatia, a doçura e demais atributos bons da figura feminina.
É importante ressaltar que a memória desta tia apareceu em suas lembranças após Luana ter se lembrado de sua mãe. Quando Luana lembrou-se da mãe, ela afirmou que a amava incondicionalmente.
Fala da mãe: Nossa, eu pensei em uma praia linda, uma natureza linda em volta, flores que eu gosto bastante. Eu imaginei um balão Pink, cheio de energia, alto astral. E daria ele para a minha mãe, que é uma pessoa que eu amo incondicionalmente. Da infância eu lembrei de uma tia minha que ia lá em casa, que era simpática, muito simpática. Um doce de pessoa. Sabe, aquela pessoa que a gente já se sente bem de estar perto dela. Era tão bom quando ela ia visitar, ficava a casa toda arrumadinha, tudo em ordem, aquele cheiro de casa limpa.
Ao se referir à sua tia, Luana poderia estar projetando nesta figura todas as características daquilo que ela considerava ser importante em uma mãe (modelo ideal de mãe, como sendo doce, cuidadosa), características essas que Luana demonstrava não ter percebido receber de sua mãe em sua infância.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na última sessão Luana comentou que ela se sentia mais aberta para expor seus sentimentos e para entrar em contato consigo mesma. Luana explicou ainda que as sessões de intervenção não atingiram sua expectativa inicial, pois ela acreditava que essas sessões seriam momentos de orientações específicas de como agir com a filha. Em contrapartida, as sessões serviram para Luana como momentos de relaxamento e de reflexão.

Por fim, Luana percebeu a importância de reproduzir aqueles momentos terapêuticos com a sua família e pôde ainda, compreender que cobrar a filha de uma melhora em suas dificuldades não seria a melhor solução, e sim o diálogo. A compreensão e uma maior aproximação dela com a filha eram o melhor caminho.

Fala da mãe: Bom, o que eu posso dizer é que eu gostei muito, achei muito bacana a ideia. Não era o que eu esperava. Eu achava que era mais específico, mais orientação para as dificuldades da minha filha, mas me surpreendi. Foi muito gostoso. As nossas reuniões foram ótimas, eu pensava na sessão como um momento para eu relaxar e pensar em mim. Acabei me abrindo mais. Eu quero na minha casa fazer um pouco do que a gente fez aqui. Às vezes você senta para fazer um desenho e a gente acha que não tem relação com nada, mas a gente acaba descobrindo coisas que você nem sabia.

Fala da pesquisadora: E no aprendizado de sua filha?

Fala da mãe: Eu vejo que assim, mais o conversar, procurar entender. Eu acho que eu cobrava e pressionava mais a minha filha. Mas aqui, através das nossas conversas e das nossas reuniões eu fui refletir e acho que estar mais perto eu acredito que ela vai melhorar mais. Eu acho que o que mais pode ajudar é o que a gente fez aqui, através da conversa e da aproximação mesmo.

Desse modo, o que pôde ser concluído é que à medida em que Luana ia realizando as atividades propostas, entrando em contato com o objeto de conhecimento e compreendendo como ocorria o seu processos de aprendizagem, ela passava a compreender também como ocorria o processos de aprendizagem da filha. A conscientização trazida através desta compreensão a estimulou a perceber a importância de modificar determinadas condutas em relação às atitudes que tinha com a filha e de fortalecer os seus vínculos familiares.

As sessões de intervenção contribuíram positivamente para uma modificação nas relações de ensino-aprendizagem entre mãe-filha, já que, uma vez trabalhado o processo de aprendizagem dessa mãe, a sua modalidade de ensino também foi trabalhada e modificada.

Este trabalho, de um modo geral, permitiu a conscientização da modificação de determinadas condutas que Luana possuía, a fim de ajudar não só a sua filha em suas dificuldades, mas primeira e, principalmente, ajudar a si própria, através do resgate de sua história de vida, ressignificando assim, não só vivências sofridas, mas também as relações de ensino-aprendizagem.

BIBLIOGRAFÍA

Chechia, Valéria Aparecida (2009). Intervenção com grupo de pais de alunos com insucesso escolar. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP.

Fernández, Alicia (2001). Psicopedagogia em Psicodrama. Porto Alegre: Vozes.

Fernández, Alicia (2008). Os Idiomas do Aprendente. Análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed.

Paín, Sara (2007). Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Rio Grande do Sul: Artes Médicas.

Rodrigues, Aguimar & Barbosa, Maria Cristina (2003). Família e a autorização para aprender. In Munhoz, Maria Luiza Puglisi. Questões familiares em temas de psicopedagogia. São Paulo: Memnon.

Schlemenson, Silvia (2011). Enfoque psicoanalítico del tratamiento psicopedagógico. Cad. Psicopedag. São Paulo, v. 5, n. 9, 2005. Disponível em . acessos em 01 ago. 2011.